JORNAL da ANE
Associação Nacional de Escritores

Janeiro
Fevereiro
2018

ANO XIII
nº 82

www.anenet.com.br

DISCURSO DE POSSE NA ACADEMIA BRASILIENSE DE LETRAS

Danilo Gomes

Estimulado por um grupo de colegas, candidatei-me à cadeira nº VI desta Casa, na sucessão do ilustre e inesquecível poeta, prosador, jurista e magistrado Dr. Romeu Barbosa Jobim. Renovo meus agradecimentos a todos os confrades que sufragaram meu modesto nome.

A cadeira que tenho a honra de assumir tem como Patrono um dos maiores poetas do arcadismo brasileiro, Tomás Antônio Gonzaga. Ele nasceu na cidade do Porto, em Portugal, em 1744, filho do magistrado brasileiro, carioca, João Bernardo Gonzaga, e da portuense Tomásia Isabel Clark. Morou em Recife e Salvador. Formou-se em Direito, em Coimbra, onde escreveu um *Tratado de Direito Natural*. Voltando ao Brasil, tornou-se Ouvidor da Comarca de Vila Rica, em Minas Gerais. Ali conheceu a jovem Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, então com 17 anos, por ele imortalizada como Marília, a Marília de Dirceu. Escreveu em Vila Rica, hoje Ouro Preto, a primeira parte de suas *Liras*. Veio depois a obra *Cartas Chilenas*, em que vergasta o despótico Fanfarrão Minésio, o Governador das Minas, Luís da Cunha Menezes. No Prólogo das *Cartas Chilenas*, Gonzaga assim deixa correr a pena:

"Amigo leitor, arribou a certo porto do Brasil, onde eu vivia, um galeão, que vinha das Américas espanholas. Nele se transportava um mancebo, cavalheiro instruído nas humanas letras. Não me foi dificultoso travar com ele uma estreita amizade, e chegou a confiar-me os manuscritos que trazia. Entre eles encontrei as *Cartas Chilenas,* que são um artificioso compêndio das desordens que fez no seu governo Fanfarrão Minésio, general de Chile." Reporto-me à edição da Martin Claret, que segue a edição crítica de Manuel Rodrigues Lapa.

Continuação na página 10

LUCIA: UMA BIOGRAFIA DE LUCIA MIGUEL PEREIRA

Dias da Silva

À leitura da palavra "biografia", chegam, de primeiro, à mente: nomes de pessoas. Datas. Lugares. Comportamento. Transcrições. O que afugenta o leitor comum, já, na maioria das vezes, pela rejeição velada ou certeza de cansaço.

Isso – garanta-se ao leitor – não lhe vai acontecer com a leitura – ao contrário, muito apreciada – de "biografia" de Lucia Miguel Pereira, do escritor e ensaísta Fabio de Sousa Coutinho.

No discurso de José Ortega Y Gasset, filósofo e escritor espanhol – 1883-1995 – autor de ensaios sobre a Espanha Contemporânea, *"Biografia de um homem é conseguir pôr em equação três valores: vocação"* – diga-se também pulsação para... – *"circunstância e acaso"* (ele mesmo vê acaso como sempre o elemento inorgânico da vida).

Admira-me a qualidade ou estado de "único" do ser humano: diferente e irrepetível. Daí as diferenças do ser. No ver. No sentir. No dizer, conforme a visão e capacidade de compreensão várias. É a beleza da unidade na diversidade.

A exemplo: diferença no dizer biografia: o escritor tcheco (1929), Milan Kundera, entende-a *"lógica artificial que é imposta a uma sucessão incoerente de quadros"*. Em resposta a uma indagação, tem-se esta compreensão de biografia: *O que é, afinal, a biografia de um homem, senão a história das mortes e ressurreição de seus amores?* – também de forma interrogativa. Ora, o leitor tem a liberdade de ter para si qualquer uma das três compreensões, todas as três ou nenhuma.

Certa, contudo, e unânime, a aceitação da Biografia de Lucia Miguel Pereira, do ensaísta Fabio de Sousa Coutinho, do Pen Clube do Brasil. Da Academia Brasiliense de Letras. Sócio fundador da Confraria dos Bibliófilos do Brasil. Presidente da Associação Nacional de Escritores.

Tenham-se os livros publicados: *Leituras de Direito Político* (2004); *Elogio de Fernando Mendes Vianna* (2010). *Na cadeira de Castro Alves* (2013); *Crônicas de um leitor apaixonado* (2015), sobre o que, em *Binóculo* 171, de março de 2016: "(...) O subtítulo "Crônicas Literárias" é muito modesto por compreender tão rico conteúdo mental de análise, biográfico e cultural".

Em *Lucia: uma biografia de Lucia Miguel Pereira,* não se tem "sucessão incoerente de quadros", "ou história de mortes e ressurreições de amores", senão a escritura de vida (de uma vida) intelectual, na medida clássica da expressão.

Continuação na página 7

REGRAS DE LEITURA

Hildeberto Barbosa Filho

Das cinco regras que André Maurois considera imprescindíveis ao exercício da leitura, gostaria de destacar as duas primeiras. A princípio, aquela que diz respeito à necessidade de que importa muito mais conhecer em profundidade alguns escritores e alguns assuntos que, de maneira superficial, um grande número de autores, e, depois, procurar reservar, na esfera de nossas leituras, um lugar especial para os grandes textos.

Como leitor, tenho insistido na utilização dessa metodologia. Se não me mostro indiferente à variedade de títulos no interior de minha biblioteca, pois sou daqueles que pressente conexões entre todas as coisas e todos os temas, privilegio, no entanto, certas estantes com certos autores de minha eleição particular e certos assuntos referenciais.

Continuação na página 3.

EVOCAÇÃO DE DA COSTA E SILVA

M. Paulo Nunes

Por iniciativa do acadêmico Herculano Moraes, tivemos, já, nesta Academia, realização da sessão conjunta das Academias Piauiense de Letras e do Médio Parnaíba, em homenagem aos 120 anos de nascimento do poeta amarantino Da Costa e Silva, ocorrido a 23 de novembro de 1885.

Além de seus presidentes, acadêmicos Paulo Freitas e Afrânio Nunes, ambos de saudosa memória, que conjuntamente a presidiram, com um auditório seleto, constituído de amarantinos e regenerenses, além de membros de nossa Academia, discorreram sobre o poeta, de acordo com a ordem da programação, o que escreve esta nota e o acadêmico e poeta igualmente saudoso Hardi Filho, ocupante da cadeira fundada pelo poeta de *Zodíaco*.

Dissemos ali algumas palavras, de improviso, que vão a seguir resumidas.

Destacamos o fato de ser o poeta a figura angular de três correntes literárias, o simbolismo, com *Sangue*, sua obra de estreia, em 1908, o parnasianismo, que se seguiu àquela Escola, com *Zodíaco,* que este ano perfaz cem anos da publicação, e terá sua edição comemorativa publicada pela Academia e, finalmente, o modernismo, em alguns poemas de feição modernista, como "Carrossel Fantasma", "Refrão do Trem Noturno" e "Carnaval", que o poeta pretendia reunir futuramente em um outro livro, *Alhambra* que não chegou a publicar. Ao mesmo tempo, se apresenta ele como neoclássico, em *Pandora,* em que revive as formas do seiscentismo português ou a temática greco-latina, especialmente nos "sonetos de Eleusis", contidos nesse mesmo livro, como ainda é o poeta elegíaco de *Verônica*, inspirado pela morte da mulher amada, a doce companheira Alice Sales Salomon.

Destaquei, naquela oportunidade, como já o fizera anteriormente em estudo sobre o poeta, os dois aspectos significativos na lírica do poeta, o saudosista e o elegíaco, de par com a sua identificação com a paisagem do rio Parnaíba, uma temática dominante em sua obra, como no famoso soneto "Rio das Garças", em que se identifica com o destino do "velho monge", ao dizer no terceto final, do livro *Sangue*:

"É o Parnaíba assim carpindo as suas mágoas,
– Rio da minha terra ungido de tristeza,
Refletindo o meu ser à flor móvel das águas."

Como saudosista, na linha da grande poesia portuguesa, como a de Garrett, que definia a saudade como "gosto amargo de infelizes", temos sua presença em várias composições do poeta como aquela de *Pandora*, o seu livro fiel ao modelo clássico, como já o dissemos:

"Saudade! És a ressonância/ De uma cantiga sentida/ Que embalando nossa infância/ Nos segue por toda a vida". Mas este saudosismo, que está presente em grande parte dessa alta poesia, e se tornaria emblemática no soneto "Saudade", que todo piauiense sabe de cor, se reflete ainda em outro grande soneto em que redescobre a terra natal e não resistimos ao desejo de citá-lo, integralmente, e se contém em seu livro *Pandora*:

"Quando a minha saudade os olhos cerra,/ Na grata evocação de um sonho errante,/ Recordo, enternecido, a minha terra,/ Vendo-a mais linda quanto mais distante.

Ao longe, um panorama se descerra/ Sob o límpido céu, ao sol radiante:/ Entre os rios, as árvores e a serra,/ Branqueja a casaria de Amarante./

Lembro os sítios bucólicos... A ponte/ No manso riacho, onde brinquei menino,/ Curvado sobre a gruta, a ouvir a fonte.../

A igreja... E ouço, meu Deus! A voz do sino,/ Como a repercutir no amplo horizonte/ O repique augural do meu destino!"

Finalmente, temos o elegíaco, em *Verônica*, um dos livros mais tristes da língua portuguesa, com versos que lembram a dolorosa acentuação de Leopardi, sobretudo em sua 2ª parte, a que intitulou *Imagens do Amor e da Morte* e se inicia com o soneto "Como uma sombra luminosa" e atinge momentos de alta desesperação, todos a lembrar a presença-ausência da amada morta e a serena desolação de tê-la perdido. Não vamos repeti-los nesta breve leitura, mas numa outra que pretendemos ainda fazer do excelso poeta.

Martins Napoleão, também um dos nossos grandes poetas, há pouco celebrado, em nossa Academia, no transcurso do seu centenário, na palavra erudita e culta do acadêmico Celso Barros, tocado pela desventura do poeta, deixou-nos seu desalento, num poema de revolta contra o destino pela perda da memória do inolvidável poeta, de expressão tão identificada com o sentimento de nossa gente:

"Criaste de novo o mundo à feição do teu sonho,/ enquanto os deuses criaram uma só vez, e por isso talvez o castigo medonho,/ como o raio que cai no carvalho montês."

"Teu cérebro anoitece em sombra. E a esperança/ diz ainda ao coração os últimos adeuses.../ – a demência é de certo ainda a melhor vingança/ dos deuses contra quem foi maior do que os deuses..."

Soneto do Mês

A PARTIDA

Silva Ramos

Tenho-a presente, como agora, aquela
Dura noite da triste despedida;
A aragem levemente arrefecida
Da lancha enfuna a desfraldada vela.

Distante, como em fundo de aquarela,
Some-se a mansa vila adormecida,
E a branda luz dos astros refletida
No rio as águas límpidas estrela.

Cena viva que a mente me descreve,
Dos amigos em grupos pelo cais
Vozes perpassam num sussurro leve;

Tocam-se as doces expressões finais...
E, enquanto os lábios dizem – até breve!
Os corações murmuram – nunca mais!

(Seleção de Napoleão Valadares)

Associação Nacional de Escritores

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer
CEP 70390-078 – Brasília – DF
Telefones: (61) 3443-8207 / 3242-3642
E-mail: ane.df@terra.com.br

28ª DIRETORIA
2017-2019

Presidente: Fabio de Sousa Coutinho
1° Vice-Presidente: José Carlos Brandi Aleixo
2° Vice-Presidente: Edmílson Caminha
Secretário-Geral: Roberto Nogueira Ferreira
1ª Secretário: Jolimar Corrêa Pinto
2º Secretário: Joel de Medeiros

1° Tesoureiro: Salomão Sousa
2° Tesoureiro: Ariovaldo Pereira de Souza
Diretora de Biblioteca: Sônia Helena
Diretora de Cursos: Kátia Luzia Lima Ferreira
Diretor de Divulgação: Paulo José Cunha
Diretor de Edições: Afonso Ligório
Conselho Administrativo e Fiscal: Adirson Vasconcelos, Alan Viggiano, Anderson Braga Horta, Danilo Gomes, José Jeronymo Rivera, José Peixoto Júnior e Napoleão Valadares.

JORNAL da ANE nº 82 – Janeiro/fevereiro 2018

Editor
Afonso Ligório Pires de Carvalho
(Reg. FENAJ nº 286)

Conselho Editorial
Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta, Danilo Gomes, Edmílson Caminha e Fabio de Sousa Coutinho

Revisão
Napoleão Valadares

Programação Visual
Cláudia Gomes

Composição e impressão: *Centro Editorial e Multimídia de Brasília.*
SIG. Qd. 8 – Lote 2356 – CEP: 70610-480 / Brasília – DF – (61) 3344-3738
www.thesaurus.com.br

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

VULCÃO DE PALAVRAS

Afonso Ligório

Poucas vezes tenho oportunidade de sentir a forte presença, o valor e a grande influência de Pernambuco na Política Nacional como mostrou o jornalista Ronildo Maia Leite (falecido), no seu livro *A Cidade Invicta*, em dois volumes: *As Fornalhas de Março* e *Os Vulcões de Abril*, da Editora Bagaço (Recife, 2002).

São palavras em comentários interpretativos, diria grandes reportagens sobre acontecimentos políticos ocorridos no Recife, a partir de 1930. Mais precisamente após o assassinato de João Pessoa e a revolução consequente, até o golpe militar de 31 de março de 1964.

O autor relembra as lutas pelo Poder no Estado, as perseguições, os candidatos e o comportamento do povo nas urnas, as campanhas que levaram muitos à vitória.

Os episódios mereceram primorosa análise morfológica e de conteúdo com base em pesquisas que melhor explicam eventuais surpresas e o comportamento do eleitorado em cada evento.

Os fatos são descritos com a autoridade de quem investigou as ocorrências de antes, durante e depois da ditadura Vargas. Desde o ostensivo policiamento das interventorias Agamenon Magalhães e Etelvino Lins ao sacrifício de um estudante de Direito, Demócrito de Sousa Filho; a Segunda Guerra Mundial, a espionagem e o afundamento de navios brasileiros. O Recife subitamente transformado em base americana. Não deixou de incluir, principalmente, a experiência de bom jornalista da imprensa diária recifense, quando algumas de suas matérias inquietavam políticos. Lembra episódios da chamada Guerra da Lagosta, as aventuras do capitão Galvão, português, que apreendeu um navio do seu país, o Santa Maria e o conduziu até o porto do Recife, onde foi apreendido.

Fala das chamadas "sementes da subversão"', o surgimento das Ligas Camponesas, do IBAD, da reação das forças conservadoras que, em parte, aderiram à implantação do regime de 1964.

É comovente a narração dessa época. Ele descreve a ocupação e "morte" do jornal Última Hora do Recife pela polícia política. Dramáticos momentos passados por jornalistas e gráficos, reconstituídos minuto a minuto.

O Recife estava a reclamar um livro assim, sério, ao mesmo tempo de leitura agradável. Eloquente testemunho de um longo período que as gerações do século XXI não podem desconhecer, embora, de certo, jamais desejem que se repita.

Continuação da página 1

REGRAS DE LEITURA

Hildeberto Barbosa Filho

Teoria acerca da crítica literária e da poesia, por exemplo, possibilitou-me a organização de um acervo de obras indispensáveis a todo aquele que se interessa pelos enigmas da hermenêutica e dos sortilégios da dicção poética. Jornalismo e literatura, ética e comunicação, filosofia e história, Nordeste, Canudos, Cangaço, Sertão, Cariri, poesia, diários, memórias e outras matérias cognitivas de áreas afins, distintas, porém, complementares, formam a base de meu adorável acervo.

Uma que outra estante abriga um dos meus preferidos no campo da ficção, com todas as suas boras e com tudo que se reporta a seus meandros estéticos e sociais, assim como à vida e ao contexto histórico do autor. Dostoiévski é um desses casos amados que tem me levado sistematicamente a livrarias, sebos e bibliotecas, em busca daquilo que ainda não possuo.

De seus livros, traduzidos para o português, tenho os quatro volumes da Aguillar; grande parte de sua obra completa, da José Olympio e alguns títulos da Editora 34. Sobre o escritor russo, além de um exemplar do *Dostoiévski,* de André Gide, numa modelar edição em francês, da Gallimard, possuo alguns volumes decisivos de sua fortuna crítica, a exemplo da vasta biografia, em cinco grossos volumes, escrita por Joseph Frank, e muitos ensaios críticos em torno de sua criação, como: *Dostoiévski, artista,* de Leonid Grossman; *Problemas da poética de Dostoiévski,* de Mikhail Bakhtin; *Tolstói e Dostoiévski,* de George Steiner, e *Dostoiévski: do duplo à unidade,* de René Girard. Não poderia deixar de referir, aqui, dois romances curiosos inspirados em sua vida: *Verão em Baden-Baden,* de Leonid Tsípkin, e *Dostoiévski, o mestre de São Petersburgo,* de J. M. Coetzee.

Quanto à segunda regra, procuro cultivar o espaço reservado aos grandes textos. É óbvio que não podem ler todas as obras-primas da literatura universal, todos os clássicos, todos os livros perduram... A seleção, portanto, deve ser cuidadosa, levando-se em conta, sobretudo, a "escola dos séculos", como nos ensina André Maurois, no tópico "Arte de ler", de sua deliciosa *Arte de Viver,* da Editora Vecchi.

A propósito, abordando especificamente este aspecto de suas sábias receitas, afirma, com propriedade: "(...) Um homem se engana; uma geração se engana; a humanidade não se engana. Homero, Tácito, Shakespeare, Molière são certamente dignos de sua glória. Dar-lhe-emos alguma preferência sobre o que não sofreu a prova do tempo".

ALBERTO DE OLIVEIRA VISTO POR GEIR CAMPOS

Sânzio de Azevedo

Geir Campos é o autor de *Alberto de Oliveira*, da coleção Nossos Clássicos, da Agir, de 1959. Mas mostra solene antipatia pelo grande poeta. Falando do verso "Sua mão de jaspe, sua mão de neve", condena-o porque *sua* tem ora uma sílaba, ora duas. Sendo assim, estaria errado este verso de Varela: "Tu és tão tenro ainda, ainda tão débil", onde *ainda* apresenta o mesmo caso.

E não estamos falando de um erro grosseiro de História quando, na Introdução do livro, diz que, cinco ou seis anos depois de 1878, a luta abolicionista "recrudesceu e animou poetas como Castro Alves". Lembre-se que o poeta baiano havia falecido em 1871...

Mais grave do que isso, porém, é Geir afirmar que o grande poeta parnasiano tinha saudade dos tempos da escravidão. Diz ele nessa introdução que o problema dos sofrimentos dos escravos, "traficados da África sem salários (...) e sem um mínimo de regalias ou direitos os mais comezinhos", teve como a única referência o poema "Natália", do 3º volume de *Poesias* (1913), mas "para manifestar um saudosismo senhorial que lamentava os bons tempos" da escravidão.

É incrível ele não ter visto, no volume 2º de *Poesias* (1912), o poema "A Morte do feitor", em sete partes, com versos de 11 sílabas.

A terceira estrofe diz, falando do feitor: "Agoniza e morre. Não vão muitos anos, / Relho em punho alçado, braços africanos / Seu furor provaram. Cafezais em flor, / Chapadões de morros, fossos e valados, / Vós que ao eito vistes tantos desgraçados, / Vós sabeis a história do cruel feitor." Depois, há alusões aos "silvos do azorrague", e ao pelourinho. Sua filha jovem, de olhos verdes, reza por ele, O vento sopra em redemoinho: "Agoniza o monstro. Horrível agonia. / No delírio e febre, uivos da ventania / Soam-lhe aos ouvidos, como em confusão // Crebros choros surdos dos cativos, quando / Peito, espáduas, ombros ia-os retalhando, / Vendo o sangue em jorros a empoçar no chão."

E diz a última estrofe desse poema impressionante: "Morre o monstro, e a alma, sem que lhe valesses, / Moça de olhos verdes, tu com as tuas preces, / Em fumaça e poeira pelos ares sai, / De blasfêmias e uivos forma o seu lamento, / Em blasfêmias e uivos vai o pé-de-vento, / Vai com o redemoinho que lá vai... Lá vai!"

Como explicar que um poeta do porte de Geir Campos tenha escrito um trabalho tão cheio de erros graves?

DANILO GOMES NA ACADEMIA BRASILIENSE DE LETRAS

O escritor mineiro Danilo Gomes, ex-presidente e atual conselheiro da ANE, tomou posse na cadeira n° VI da Academia Brasiliense de Letras, em sessão solene realizada no Auditório Cyro dos Anjos, em 13 de novembro p.p.

Danilo, que sucedeu a Romeu Jobim, fundador da ANE, foi saudado por outro ex-presidente e conselheiro de nossa casa de escritores, Napoleão Valadares, que aparece a seu lado na foto que registra a presença de confrades na cerimônia de posse.

LIRA SETENTONA

Emanuel Medeiros Vieira

Em memória de minha mãe (30/8/1898-29/03/1968)

"**Um poeta nunca sabe/onde sua voz termina, /se é dele de fato a voz/que no seu nome se assina./ Nem sabe se a vida alheia/é seu pasto de rapina, /ou se é o outro que lhe invade,/numa voragem assassina./ Nenhum poeta conhece/esse motor que maquina/ a explosão da coisa escrita/contra a crosta da rotina./ (...) Por sob a zona da sombra,/navega em meio à neblina./Sabe que nasce do escuro/a poesia que o ilumina".** (**Antonio Carlos Secchin, "Autorretrato**")

E se Ela (a *Indesejada das Gentes*) estiver na soleira da porta e indagar: "Escreveu tudo o que queria?" Mais ou menos, eu respondo. Não sei. Escrevi, suei – caí na redundância, na repetição, tentando descobrir a essência do **tempo**.

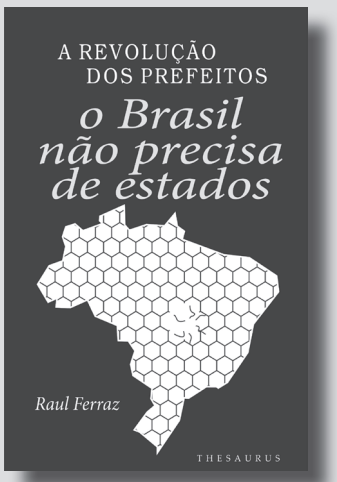
Valeu a pena? – eu faço a pergunta a mim mesmo. É tudo muito disperso e me perdi no "real". É tudo muito simples. É tudo muito complicado. Meti a cara na vida, enfrentei feras – mas isso é o previsível – nada de autopiedade. É a tal hora do **crepúsculo** – *não de um dia somente –, mas de todos os dias do meu tempo na terra. Mares, cidades, pôr-do-sol, morangos na grama, pensões pulguentas, cárceres políticos, viagens – tudo tão provisório, e vai-se uma geração que, ingenuamente, achou que ia mudar o mundo.*

A "**turma**" de **1945** (**como rito de passagem**): viveu, cresceu, namorou, pegou uma ditadura nas ventas, foi para o exílio, voltou e, depois de tudo – na hora final – viu, com muitos, que o país estava no mesmo pântano – talvez piorado. **Para nós, a guerra nunca termina.**

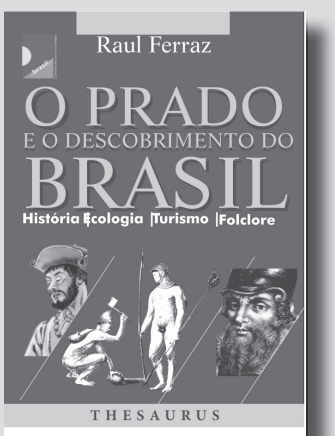
Tive filhos, amei, escrevi livros, plantei uma árvore, lá no quintal da casa mítica, que não existe mais, como as goiabeiras, as pitangas, aquela ilha de campinhos vazios, do "**Miramar**" **– e a infância deita-se aos meus pés – parafraseando James Joyce (1882-1941), que disse que na velhice a infância deita-se ao nosso lado. Meus pais gostariam que eu recebesse os Sacramentos finais. Nada mais importa. Queria falar contigo, mãe! Lembras daquela regata na Baía Sul, em 1952? Algodão doce, pipoca, o mar azul. Havia um menino e sua mãe. Isso é tudo. Nas horas de sombras, dizias: "Vamos pôr tudo nas mãos de Deus". Mas, talvez, Ele estivesse cansado. E, quem sabe, tenha perdido o passaporte brasileiro e não quis – com razão – mais encontrá-lo. No almoço, comemos tainha frita, a senhora no fogão de lenha, avental, silêncio, querendo me ensinar o que fazer da vida. Não sei se aprendi algo, mas a senhora mereceria que eu "soubesse", como um ser premonitório, o que iria acontecer no futuro. E, depois, colhemos uvas. Perguntas, mãe, sobre o meu câncer. Vou levando – digo. E tento fingir – não dizer para ela que é incurável. O futuro já não me pertence. Cada instante – de mãos cheirando tangerinas, da boca aberta para aquela frutinha... era amora – teve o seu sentido**. E entendo o tempo, *só no final da travessia*. É importante que nos fixemos em outro tipo de "tempo" (que fica internalizado através da memória). Como já disseram, será fundamental que esse tempo preserve para os jovens o que Italo Calvino (1923-1985) deixou escrito sobre essa "rapidez" do milênio no qual viveu. Esse é o tempo que importa: "**O tempo que flui sem outro intento que o deixar as ideias e sentimentos se sedimentarem, amadurecerem, libertarem-se de toda a impaciência e de toda contingência efêmera**". E lembro de Baltasar Gracian (1601-1658): "*Um homem sensato acreditará que é mais importante o que o destino lhe concedeu do que o que ele lhe negou*".

ADQUIRA NOSSOS LIVROS

A REDESCOBERTA DO BRASIL
O Barco do Rei
Afonso Ligório
1ª edição, 280 páginas



A REVOLUÇÃO DO PREFEITOS
O Brasil não precisa de estados
Raul Ferraz
176 páginas



O PRADO E O DESCOBRIMENTO DO BRASIL
História, ecologia, turismo e folclore
Raul Ferraz
2ª ed. 144 páginas

ACESSE NOSSO SITE:

WWW.THESAURUS.COM.BR
Frete grátis para todo o Brasil
Ou ligue: (61) 3344-3738

A DIFERENÇA ENTRE ASSOCIAÇÃO DE IDÉIAS E "ESTALOS"

Letácio Jansen

A minha vó Cotinha – que era um apelido carinhoso das Anas do tempo dela, que não eram Aninhas, como as de hoje, mas Anicotinhas – falava muito no "estalo" de Vieira, uma expressão popular, especialmente no nordeste brasileiro, usada para traduzir o repentino entendimento de algo que, até então, parecia nebuloso àquela pessoa. Podem-se ler, atualmente, na Internet, vários textos interessantes sobre esse assunto.

Já "associação de ideias" é a descrição bem conhecida de um expediente mental que empregamos desde crianças, ao longo de nossa vida.

Eu só não tinha, ainda, percebido o que distingue os "estalos" das associações de ideias, solução que me ocorreu ontem à noite, e me apresso a compartilhar com vocês, inclusive para não me esquecer. Trata-se de uma diferença de nível.

As ideias se associam nos mesmos planos, como as contas de débito e de crédito dos livros razão de contabilidade. Já os estalos produzem um resultado novo, criativo, que se sobrepõe ao conhecimento anterior.

Não sei se ambos são sinapses. A bem da verdade, nem sei ao certo o que é uma sinapse embora suponha ser a ligação elétrica – ou coisa assim – entre dois neurônios.

O fato – a meu ver – é que quando as ideias se associam num mesmo patamar as consequências são em geral agradáveis, merecedoras de elogios. Mas a prova de que cabeça da gente continua funcionando, mesmo, apesar da idade avançada, é quando conseguimos ter estalos, tirar conclusões novas e inéditas, como se o pensamento subisse por uma estrutura cerebral imaginária e provocasse um "plim".

Vocês já sentiram isso? Continuam sentindo? Eu tenho razão nessa minha descoberta?

O DESASSOSSEGO DE HILDA MENDONÇA

João Carlos Taveira

Os poemas que compõem este novo livro de Hilda Mendonça, intitulado *Desassossego das Palavras*, ao que parece, foram sendo escritos ao longo dos anos em que a autora se dedicou à prosa de ficção, à família e às promoções culturais da cidade de Passos. São resultados de uma vida inteira passada a limpo e que agora se manifestam com certa organização construtiva para formarem o arcabouço de mais um livro na vasta bibliografia da escritora e folclorista brasileira. Isso para gáudio de todos nós, fiéis leitores, que, com alegria e ansiedade, aguardamos "o novo filho" dessa mineira de Alpinópolis, terra do grande e saudoso Omar Kraüss.

A música de minha alma é melodia inconstante,
às vezes serena, outras vezes triste.
Posso senti-la e cantarolá-la em momentos alegres
ou até mesmo quando tempestades desabam em meu ser.
A música de minha alma me faz renascer.
("A música de minha alma")

Mas um fato não pode ser omitido. Nem esquecido. A escritora Hilda Mendonça participa ativa e efetivamente da vida cultural da cidade em que vive, disseminando seu pensamento e sua experiência, como educadora, em associações e clubes literários. E sempre ajudando a criar entidades de classe e incentivando os mais jovens no caminho da leitura e da escritura. De personalidade doce, mas participativa, nunca fugiu da luta e esteve sempre ao lado de movimentos sociais e culturais, suprapartidários, em busca de novos horizontes para si e para os membros do grupo de que participa.

O tempo em que residiu e trabalhou em Brasília não foi diferente. Dos anos vividos aqui, que já são de conhecimento público, Hilda adquiriu experiência como professora e como cidadã, o que lhe permitiu construir uma bagagem cultural de cunho universalista. Hoje, pode tranquilamente dizer com Pablo Neruda: "Confesso que vivi."

Daqui a um século que importará se esses versos
foram escritos ou não?
Madrugada anuncia
a malemolência do dia...
E o papel airoso em seu branco a me dizer:
– Venci!
("Incomodação")

A temática de Hilda é ampla. Seu navegar pelo mundo das palavras não conhece fronteiras nem limites. Dos poemas de cunho lírico, ela muitas vezes parte para sérios questionamentos políticos, incomodada que está com o estado de coisas que acontecem no cenário nacional, distribuídas equitativamente pelos três poderes de uma república que age como se estivesse esperando por uma revolução popular, nos moldes do que ocorreu na França em fins do século XVIII.

Em minha insignificante quietude
ouço o galopar das velhas raposas:
afanando, surrupiando...
sugando, sujando, se lambuzando
e se perdendo enroladas nos novelos de suas ambições.
("Valerá a pena?")

Este novo livro de poemas de Hilda Mendonça, lindamente intitulado *Desassossego das Palavras*, repito, haverá de trazer alento imediato e confiança no futuro, para todos nós, não há dúvida. Mas uma coisa é certa: trará também a visão depurada e arguta de quem conhece os meandros desse labirinto que a vida moderna ardilosamente preparou para a atual geração de homens e mulheres, abnegados e sonhadores, que lutam diuturnamente de todas as formas para evitar que fique como herança para filhos, netos e bisnetos o retrato descolorido e cada vez mais sujo de um país subjugado ao atraso e ao descompasso.

PLUTÃO

Teresinka Pereira

Para Alan Stern*

Um frio e distante
mundo, um planeta,
um pequeno paraíso
no Sistema Solar:
Plutão, o planeta anão,
situado a três bilhões
de anos do Sol
e quase dez anos
indo pela nave espacial
Horizon, lançada da Terra.
Alan Stern espera:
"Vamos conseguir fotografias
das cinco luas plutônicas!"
Claro, isso pode fazer
um astrônomo enlouquecer
de felicidade.
E a um lunático poeta
também.

* Alan Stern é um astrônomo da NASA e um grande entusiasta da missão a Pluto.

DIA DO TANGO

Napoleão Valadares

Chamei Alan Viggiano a nossa casa e ferramos na conversa. Era 11 de dezembro de 2016, dia do tango. Vieram Carlos Gardel, Alfredo Le Pera, Francisco Canaro, José Razzano, Celedonio Flores e mais um punhado de nomes famosos. Daí, passamos a ouvir. Começamos por *La Cumparsita*, o preferido de Alan. *La Cumparsita*, de Gerardo Matos Rodriguez, talvez o mais famoso dos tangos.

Desfiaram-se títulos, nomes de autores e intérpretes. Argentinos, uruguaios, brasileiros, lembrando Ernesto Nazareth, Herivelto Martins, David Nasser, Adelino Moreira, Jair Amorim, Alcir Pires Vermelho, Nelson Gonçalves, João Dias.

Reviramos a vida e a obra de Gardel. E a morte, em 1935, num acidente de avião em que morreu também o parceiro Le Pera, brasileiro paulistano, e em que houve um sobrevivente, o guitarrista José María Aguilar. Aquele acidente no aeroporto de Medellín pode ter dado a impressão de que o tango morria também ali. Mas foi bem o contrário: dali por diante, a música que chamam de portenha teve um avanço assustador, por estar ligada à vida, ao talento, ao encantamento e à morte de um dos maiores ídolos de todos os tempos.

Lembramos que um dia, numa reunião do Conselho Administrativo e Fiscal da ANE, depois das deliberações da pauta, passamos a tratar de tangos. Éramos Alan Viggiano, Anderson Braga Horta, Danilo Gomes, José Jeronymo Rivera, Santiago Naud, Romeu Jobim e eu. Chegamos a cantar. E chegamos a declarar, cada um de nós, o tango preferido.

Mas transportemo-nos imaginariamente a Buenos Aires, nos trilhos da história milongueira. De primeiro, eram melodias para dança erótica. Depois, receberam letras que tratavam de cenas libidinosas, com prostíbulos e meretrizes pelo meio. E vieram mudanças, que conduziram o tango aos salões requintados, com elegância, beleza, enlevo. Sucesso estrondoso e filmes. Faz lembrar os subúrbios de Buenos Aires, o bairro de Corrientes, tragédia, nostalgia, amor, paixão, com bandônion e voz.

A minha loucura por tango, na juventude, justifica-se. Hoje posso não ter loucura, mas aprecio com muito gosto esse ritmo tocante, em todos os sentidos. Ainda acho o que achava: um tango na hora da morte pode ser oportuno.

Os compositores, cantores e dançarinos fizeram o começo. Veio o tempo e fez a outra parte. O tango foi considerado pela Unesco, em 30 de setembro de 2009, um Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade. Isso basta.

O MAIOR ESPETÁCULO DA TERRA

Valfredo Melo e Souza

Ainda acalento a ideia de que a vida é um mistério: Samsara – a Grande Roda – desenhando um oceano de nascimentos e mortes, compondo o ciclo de existências. Samuel Beckett (1906-1989), dramaturgo, romancista, novelista, poeta, escritor, nascido em Dublin, Irlanda. Esfaqueado por um homem que lhe pedia dinheiro, teve um pulmão perfurado. Sai recuperado do hospital, volta em seguida a trabalhar e perdoa seu agressor. É um homem assim. Do Teatro do Absurdo, o teatro que tenta expressar o sentido do sem sentido da condição humana. O teatro que abrangia obras de diversos países que tinham como ponto central o tratamento inusitado de aspectos inesperados da vida humana. Nesse grupo estavam, além dele, Ionesco, Adamov, Genet, Fernando Arrabal, (só como referência). Foi prêmio Nobel de Literatura em 1969. Neste mesmo ano foi encenado em Nova York o seu mais conciso trabalho. Quarenta e cinco segundos de duração. Espetáculo em um Ato. Sem palavras. Sem atores. Luz e som é a característica. A "estética do pouco" reflete uma profunda melancolia onde imaginara o autor chegar: "uma página branca". O nada. Tábula rasa. Uma página ainda a ser escrita, metaforicamente. É o momento do nascimento do indivíduo numa reflexão sobre a própria condição interior.

O panorama: uma caixa de cena aberta, cheia de detritos. Não há praticáveis. Nada colocado verticalmente. Todo o lixo, misturado, espalhado pelo chão do palco. Pois bem: "o palco é o lugar vizinho da morte, onde todas as liberdades são possíveis", teria dito Jean Genet. Apresento a obra: Respiração (Breath), de Samuel Beckett.

1-Sobe o pano

- Breve suspiro esmaecendo aos poucos. Inspiração amplificada.

- Aumento de luz atingindo o máximo em dez segundos. Silêncio e respiração presa por cinco segundos.

- Expiração e início de blackout lento que encerra em dez segundos.

- Breve suspiro semelhante ao anterior;

2 – Cai o pano. Fim.

Atém-me uma pergunta de Buda a seus monges: "Como você mede o comprimento da vida de um homem? O primeiro respondeu: - Em dias. O Mestre lhe diz: - Você não compreende o caminho. O segundo respondeu à mesma pergunta: - Por quanto tempo ele passa na mesa. Observação do Mestre: - Você não conhece o caminho. Um terceiro monge responde: - Pela respiração. Diz-lhe o Mestre: - Muito bem, você conhece o caminho. **Esta é a dimensão do espírito".**

Na peça, a vida é reduzida a um obscuro interlúdio entre dois "apagões" e dois suspiros (inspiração e expiração) que simbolizam o nascimento e a morte em sua complexidade: nascer, viver, sofrer, morrer (eterno questionamento do ser humano), o absurdo das relações humanas que comanda o nosso espetáculo de viver. Constatação da impotência dos que vivem.

Vamos facilitar o descanso do trabalho da glândula pineal; fechar os olhos para o exterior e abrir o olhar interno. Agora meditar e buscar resolver pendências, adotar medidas positivas. Retorna-se ao vagido inicial da peça. E você acorda, toma café, se arruma para sair e vive o dia. Depois se tudo correr bem, você nasce, vive, sofre, morre e escuta o vagido final. Assim é o Teatro do Absurdo.

HAICAIS

Paulo Roberto Cecchetti

- I -
O verde brotando
na raiz, qual esperança,
sobre a pedra dura!

- II -
Já é Primavera
nas orquídeas coloridas
brilhando ao sol.

- III -
Mar de calmaria:
espreita o cair da tarde
a garça na pedra.

- IV -
Brilha o pôr do sol
na imensidão do mar:
amarelo ouro!

- V -
Nuvens refletidas
no mar azul do verão:
algodão salgado.

- VI -
A graça da garça
no cais, ao amanhecer:
espumas de plumas.

- VII -
No banco quebrado
a praça não tem nós dois:
falência de amor?!

- VIII -
Ipê amarelo
floresce na Primavera
colorindo sonhos...

CHORAR FAZ BEM

Antonio Ferreira

Chorar nem sempre é ruim
Às vezes tira algo ruim do coração
Consola a alma
Gera uma boa sensação

Chorar só é ruim
Quando é por ódio
Tentar enganar
Ou se não tiver quem o consolar

Às vezes o choro é de alegria
É de emoção
Pode ser de luto
Mas, nos piores momentos, consola o coração

Não ignore o choro
Se seu coração estiver cheio
De pesar e comoção
Alivie o coração com toda emoção

O NOME DA DEUSA

Marcelo Torres

Lima Barreto não achava que essa moça fosse lá inspirar ódios e paixões.
Graciliano Ramos disse que o fogo de palha por ela não duraria um mês.
Mas ela é filha do sol com a lua cheia, assim falava Armando Nogueira.

A Infiel, era como a chamava um certo Drummond.
Não o Carlos, mas o Roberto, aquele que criou Hilda Furacão.
Mas aqui não se trata da Hilda do Roberto.
Nem de uma Hilda do Nelson.
Nelson que a chamava de Criança.
Nelson que também a tratava como cadela.
"Sim, amigos, nela há uma alma de cachorra."
Para Sérgio Porto, o Stanislaw Ponte Preta, ela era a Leonor.
"Seguraram a Leonor pela saia."

Para uns, A Nega.
Para outros, A Branca.
Uma personagem como nenhuma outra.
Aquele famoso verso de Caetano
– cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é -
pode bem ser oferecido a ela.
Mas, afinal, quem é essa moça?
Aí é que está, ela pode ser uma.
Pode ser outra, pode ser muitas.

Ela pode ser Capitu, por exemplo.
Com um quê de cigana oblíqua.
Também pode ser a Marcela.
Aquela que amou Brás Cubas por quinze meses e onze contos de réis.

E quando tu ouves Chico, achas que ela é a dama do folhetim.
Aquela que aceita prenda, se tu tiveres renda, qualquer coisa assim.
Como uma pedra falsa, um sonho de valsa ou um corte de cetim.

Ela pode ser a Gioconda.
A gorduchinha que é uma obra de arte.

Teve um narrador que a chamou de Maricota.
"A Maricota morreu no fundo do filó".

No dizer do poeta Nejar, ela foi a estrela da infância inventada.
Os poetas são craques com as palavras.
Outro deles, um tal João Cabral, viu nela a figura de um bicho.

E Jorge Amado?
"Ela fazia tudo para cair nos braços do amante."
Tieta do Agreste?
Gabriela, cheiro de cravo, cor de canela?
Dona Flor, a que tinha dois maridos?
Teresa Batista cansada de guerra?
Mirem-se no exemplo daquelas mulheres...
Talvez ela seja Lolita, ou Blimunda, ou Penélope.
Talvez Medeia, Diadorim, Julieta, Dulcinea.
Quem sabe Iracema, Helena, Virgília, Iaiá Garcia.
Clarice?
Aquele ar de mistério, talvez Clarice.

Ela é a maior estrela do maior show da terra.
Um espetáculo com vinte e dois atores correndo atrás dela.
Por ela, os homens pulam, caem, rolam pelo chão.
E chutam, e batem, e apanham.
Por ela, que vá ao diabo a razão - dizia o poeta Drummond.
Porque, por ela, os homens matam e morrem.
E ainda riem quando lhes perguntam:
"Quem é a Bola?"
Ora, "quem é A Bola"...

Continuação da página 1

LUCIA: UMA BIOGRAFIA DE LUCIA MIGUEL PEREIRA

Dias da Silva

Dê-se espaço à eloquência e conhecimento da escritora Ana Miranda que diz, com autoridade e acerto, na primeira dobra do livro: "(...) *E Fabio Coutinho, com sua excelente narrativa, clara, culta, bem-humorada, revela também o mundo no qual Lucia florescia, onde se passavam situações que despertam nosso interesse no conhecimento de costumes de seu tempo.* (...).

Numa linguagem límpida, fluente e impecavelmente escorreita, o autor vai acordando, no leitor, curiosidade de saber dos costumes e situações da época e sai das páginas do livro conhecendo tudo isso, sobremaneira com a descoberta de *"uma inteligência feminina no mais alto grau"*. De quem conversava e debatia com "os mais acabados intelectuais do momento", com "brilho de suas ajudas e observações". Da "filha de grande médico e professor de Clínica Médica – Miguel Pereira – autor de sábia afirmação: *"O Brasil é ainda um imenso hospital"*. Infelizmente, hoje, crescido... O que se confirma no cotidiano do país que não dá aos filhos condições de vida digna. Hospitais fecham as portas. Doentes espalhados pelos corredores. Filhos da Pátria morrem à entrada, sem atendimento.

As qualidades do estilo, feito credo, sempre lembrado e seguido: "Simplicidade e Correção, para ele, são as principais de um estilo" que segue em toda sua escritura.

Pois bem: é o que o leitor tem em *Lucia: uma biografia de Lucia Miguel Pereira:* simplicidade, fluência, plasticidade, limpidez de forma e de muita correção. Não há descuido gramatical: nenhum.

Antonio Candido – glória do magistério superior do país – ensaísta e crítico literário singular – conhecia Lucia Miguel Pereira, "a mestra inigualável", por natureza, "mais apta para o trabalho difícil de pesquisa e interpretação em larga escala pois ele se adequava ao seu temperamento ameno, concentrado e reflexivo, completado por uma incrível probidade mental".

Com a leitura de *Lucia: uma biografia de Lucia Miguel Pereira,* o leitor terá, no estilo sóbrio, econômico e numa escritura de fôlego, do escritor Fabio de Sousa Coutinho, Lucia Miguel Pereira, "intelectual brasileira, consagrada biógrafa de Machado de Assis e Gonçalves Dias, e articulista, ensaísta e conferencista festejada". Vale a pena uma leitura assim.

CAATINGA

João Bosco Bezerra Bonfim

pedras sem tempo
velozes assistem
a estrada correr

verdes fora do tempo
úmidos lavam
da estrada o olhar

juremas a tempo
rasgam zoantes
gibões a vaquejar

cruzes há tempos
velam sortes
de quem enfrentar

mandacarus floram
espinhos sorridentes
de acariciar

vermelhas as nuvens
iluminam serras
serenam o olhar

AS NOITES NA CASA DO LAGO

Jolimar Corrêa Pinto

Astulfo, adolescente, estabeleceu três metas para toda a sua vida: ser rico, deputado federal e relacionar-se com belas mulheres. Compreendeu logo que a dedicação aos estudos seria um dos meios para alcançar os fins almejados e a participação na política acadêmica pareceu-lhe um primeiro passo, uma iniciação à carreira política. Assim, levou a sério cada uma das atividades no curso de Direito e no diretório acadêmico, do qual tornou-se presidente nos meados do curso. Estudioso e ambicioso, conseguiu inserir-se em um conceituado escritório de advocacia como estagiário e uma vez formado foi convidado a permanecer no escritório já como advogado, vez que obtivera êxito no exame da Ordem dos Advogados.

Procurou aperfeiçoar-se em direito eleitoral, obteve vitórias em causas importantes e, em seguida, pensou em ingressar em um partido político e passou a escolher aquele que poderia ser mais conveniente aos seus propósitos. Escolheu um e fez questão de exibir, em todas as oportunidades, os seus dotes de orador: em aniversários e casamentos de correligionários, parentes, ex-colegas, de advogados... Procurava nos obituários dos jornais uma oportunidade para comparecer ao velório e tecer os maiores elogios a quem quer que fosse, conhecido ou não, ilustre ou não, merecidamente ou não.

Ocorreu-lhe então que nada melhor do que atuações em júri popular para tornar-se conhecido pelo grande público: matriculou-se em curso e obteve pós-graduação em direito penal, desligou-se do escritório que lhe dera guarida e ingressou em outro muito conceituado com especialização em direito penal. Oferecia-se para fazer os julgamentos mais difíceis, rejeitados pelos colegas e conseguiu absolver réus de crimes "indefensáveis" assim considerados pela opinião pública.

Em certo momento da vida entendeu que teria montado as bases para realizar os dois últimos dos seus desejos: eleger-se deputado federal e relacionar-se com belas mulheres, já que com a sua extrema dedicação aos estudos e ao trabalho não lhe sobrara tempo para as relações amorosas. Estabeleceu prioridades: primeiro os afazeres profissionais e os políticos (claro, nunca abria mão de uns namoricos sem maiores pretensões).

Ano pré-eleitoral e o Dr. Astulfo passou a estreitar o seu relacionamento com os caciques da legenda, com o objetivo de ser incluído na lista dos candidatos a deputado federal. Não foi fácil porque os correligionários mais antigos afirmavam que antiguidade era posto e não havia vaga para todos. Mas o Dr. Astulfo procurou apoio na Ordem dos Advogados, em confederações, federações, sindicatos, associações, clubes esportivos, e os apoios conseguidos impressionaram os dirigentes partidários, os quais passaram a acreditar que o Dr. Astulfo seria um candidato aceitável pelo eleitorado. Pouco faltou para ocorrer uma cisão partidária, mas o Dr. Astulfo procurou cada um dos descontentes e firmou um pacto com cada um, separada e sigilosamente, pelo qual lhes oferecia um cargo em seu gabinete, uma vez eleito; receberia também sugestões de emendas orçamentárias de interesse da sua base eleitoral (ao tempo em que pedia apoio eleitoral).

Em decorrência do amplo trabalho desenvolvido antes e durante o período eleitoral, da sua capacidade de convencimento, dos seus dons oratórios, o Dr. Astulfo foi eleito deputado federal, superando de muito o coeficiente eleitoral. Alcançados, pois, dois dos três objetivos determinados na adolescência. Faltavam as mulheres.

O Deputado Astulfo tinha o direito de escolher, livremente, vinte funcionários para compor o seu gabinete e choveram centenas de pedidos de correligionários, parentes, amigos, eleitores... Mas o Deputado não queria fazer favores, mesmo porque para cada um satisfeito, descontentaria dezenas, isto é, politicamente incorreto. Faria um concurso público. E publicou edital na imprensa local.

O chamamento ao concurso era público, mas o Deputado seria o único examinador. Dezenas de interessados se comunicaram via Internet, conforme especificava o "edital" e a cada uma fora enviada mensagem com a marcação de dia, hora e local para a entrevista, exceção feita àqueles do sexo masculino. Às mulheres recomendava a devolução do formulário enviado com os dados pessoais, inclusive cor da pele, estado civil e fotografia. Recebidos os dados realiza a primeira seleção para a entrevista pessoal.

No início do mês de março já estava montado o gabinete com 19 mulheres brancas, menores de 30 anos, ótima aparência, solteiras (nada de problemas com maridos), curso superior... O Deputado não deixara de manter um prolongado diálogo durante as entrevistas, inclusive com o propósito de avaliar o QI de cada uma e de recorrer a perguntas de caráter quase íntimo.

Montado o gabinete, Astulfo sentiu realizadas as três metas adolescentes. Quanto à riqueza, não estava plenamente satisfeito, precisava se relacionar com os líderes, com antigos deputados, com os jornalistas que cobriam os trabalhos do Congresso Nacional e até com funcionários influentes com o objetivo de descobrir como ganhar dinheiro além dos subsídios parlamentares. Soube que o primeiro passo seria a sua indicação para a Comissão de Orçamento e também que se tratava de uma empreitada difícil, pois os colegas mais antigos tinham também as suas pretensões...

Até então Astulfo estivera hospedado em hotel, mas entendeu logo que deveria alugar uma casa no Lago Sul, onde poderia encontrar, fora dos expedientes, as pessoas com as quais precisava tomar intimidade, tendo em vista seus interesses pessoais.

Alugou uma casa ideal, paga com a ajuda de custo específica, e passou a promover encontros sociais todas as quartas-feiras à noite depois das sessões, com convidados selecionados segundo critérios ajustados às suas conveniências. Além dos encarregados pelo *buffet,* estavam sempre presentes, como recepcionistas/acompanhantes, servidoras do gabinete, em número proporcional aos convidados.

Conversava-se, estabeleciam-se novos relacionamentos, comentava-se sobre determinados projetos, elaboravam-se acordos, dividiam-se em pequenos grupos, informalmente, conforme os assuntos, bebia-se, comia-se, ouvia-se música, dançava-se. Eram encontros políticos festivos, agradáveis que se prolongavam pela madrugada. Poderia haver assédios, compromissos entre casais, mas não havia clima nem recursos materiais para práticas sexuais explícitas... a casa tinha os aposentos íntimos trancados e os jardins eram feericamente iluminados. Pouco a pouco os convidados iam se retirando, inclusive as recepcionistas que eram transportadas, pela van alugada, para suas residências. Menos uma, a acompanhante da noite do anfitrião.

As estratégias planejadas e postas em prática pelo Deputado Astulfo surtiram em poucos meses os resultados almejados. Assessores de parlamentares eminentes faziam chegar ao gabinete do Deputado a manifestação de interesse de seus superiores no sentido de serem convidados para o evento que se tornara tanto conhecido quanto politicamente importante; muitos acordos relevantes vinham sendo firmados naquelas noites à beira do Lago Paranoá. Em uma dessas ocasiões o líder do partido a que pertencia Astulfo – ao qual ele fizera chegar por interpostas pessoas o desejo de compor a Comissão de Orçamento – entre comes e bebes, consultou-o sobre o interesse em compor o importante órgão técnico do Congresso. Astulfo ansiava, já à algum tempo, por aquela manifestação do Líder, mas não se mostrou empolgado: considerava-se honrado com a possibilidade da indicação, mas respeitaria uma possível rejeição caso a Liderança viesse a ser constrangida a atender situação politicamente relevante.

A atitude do Deputado Astulfo comoveu o líder pelo desapego demonstrado, mas ele retrucou dizendo que a escolha fora fruto de ponderados acordos com os demais liderados. Astulfo agradeceu a escolha e assegurou ao líder que estaria sempre atento às conveniências da liderança. Ato contínuo convidou uma das secretárias para a sua mesa e depois das apresentações pediu licença para retirar-se, deixando o casal a sós.

UM SONETO DE PEDRO LYRA

Em obra dedicada ao fortalezense radicado em Campos dos Goytacazes pelo poeta-editor Jean Carlos Gomes, a *VII Coletânea Século XXI – Homenagem ao Poeta Pedro Lyra*, saída três meses antes de sua morte no dia 23 de outubro de 2017, nosso associado e colaborador Anderson Braga Horta emite este sintético juízo:

Pedro Lyra é poeta notável da Geração-60 – assim prefere grafar a denominação em Sincretismo: a Poesia e a Geração-60, *abrangente antologia que organizou para a Topbooks (Rio de Janeiro, 1995) e a que fez magnífica Introdução. Além disso, é crítico literário e ensaísta de valor, dedicado estudioso do fenômeno poético. Sua poesia exibe vigoroso humanismo em bem-trabalhada forma, e um gosto pelo soneto que, longe de o monotonizar por sendas ou estradas mais que trilhadas, o guia por um caminho de renovação, que vai firmemente abrindo.*

Sensibilizado com o desaparecimento do ilustre poeta nascido em 28.1.1945 (aos 72 anos; precocemente, pois, pelos padrões atuais), o *Jornal da ANE* associa-se às homenagens que lhe são devidas, publicando o belo soneto que abre sua participação naquela coletânea:

POR NÓS MESMOS

Do barro
pelo hálito de um Deus,
num salto
pela mão da Natureza,
o universo nasceu:
nasceu o Homo.
Vinda do nada
para os infinitos,
vinda de uns antropóides
para o nada,
a espécie
– esta parábola
no tempo.
Ou seja terra
ou ar
ou fogo
ou água,
foi a necessidade
que a moveu,
foi a satisfação
que a sustentou:
sob uma lua virgem
(entre névoas)
sobre um leito de folhas
(entre nuvens)
o primeiro casal nos garantiu.
Por nós
nos afirmamos
por nós mesmos:
– foi o gene do Amor quem nos gerou.

EM HOMENAGEM A CASSIANO NUNES

Adelto Gonçalves

I

Primeiro de uma série de cinco volumes, Poesia - Obra Reunida (Brasília: Universidade de Brasília/Thesaurus Editora, 2015), de Cassiano Nunes (1921-2007), reúne livros esgotados e poemas inéditos do poeta, ensaísta, conferencista e antigo professor de Literatura Brasileira da Universidade de Brasília (UnB), à qual consagrou 25 anos (1966-1991) de dedicação e amor pelas letras, formando gerações de mestres e doutores.

Sem herdeiros, o professor doou à UnB não só a sua extensa biblioteca como muitos manuscritos que hoje formam o acervo do Espaço Cassiano Nunes, que fica na Biblioteca Central no Campus Universitário Darcy Ribeiro daquela instituição. Talvez os cinco volumes previstos não sejam suficientes para abrigar uma vasta produção que inclui muitas conferências em universidades do Brasil e da Europa e dos Estados Unidos bem como uma obra que consta de mais de uma centena de títulos, muitos dos quais aguardam reedição, além de textos inéditos.

Esse trabalho é fundamental porque só assim a produção teórica, além da obra poética, ficaria ao alcance não só do leitor comum como dos professores e pesquisadores que, com certeza, haverão de incluí-la nos programas universitários. Dessa tarefa foi incumbida a professora Maria de Jesus Evangelista, nomeada pelo reitor da UnB como curadora do Espaço Cassiano Nunes e amiga de longa data do colega de trabalho, que neste primeiro volume reuniu cinco livros já publicados – *Prisioneiro do Arco-Íris* (1962), *Jornada* (1972), *Madrugada* (1975), *Jornada Lírica* (1984) e *Poesia II* (1998) –, além de peças inéditas e reflexões breves chamadas pelo autor de "Grafitos nas Nuvens" (1995), que foram publicadas no diário *Correio Braziliense*.

O livro encerra-se com "Poemas traduzidos" (1998) para o inglês, que trazem uma apresentação ("Seven Sides to Cassiano Nunes") do professor Danilo Lôbo, que, aliás, foi quem saudou o poeta por ocasião da outorga do título de Doutor Honoris Causa que lhe fez a UnB em 2002.

II

Como bem observa na introdução que escreveu para este livro o poeta e ensaísta Anderson Braga Horta, a poesia de Cassiano Nunes é despojada, com uma "linguagem bem cuidada, mas nada de excessos de palavras, de preciosismos linguísticos, de complicações formais, enfim". Mais: "não metrificada, mas musical, com apurado senso de ritmo".

Além disso, é uma poesia madura, sem arroubos juvenis, pois não se conhece até agora a produção do poeta em seus verdes anos, que talvez ainda resida no acervo que legou à UnB. Até porque o poeta demorou muito para mostrar os frutos do seu ofício: só com 41 anos de idade publicou o seu primeiro livro de poemas, Prisioneiro do Arco-Íris. Desse livro, é "Canto do prisioneiro" em que mostra a sua ligação à cidade de Santos, que seria uma marca de sua poesia: "Felizes são os marinheiros/ que partem sem dizer adeus, e em cada porto de escala/ renovam o mistério do amor/ (...) Só eu não parto... Prisioneiro do arco-íris/ como quem num presídio abafa/ e expressa a sua ânsia construindo/ um navio dentro de uma garrafa!".

Do livro *Madrugada*, é o poema "Sou de Santos" em que faz uma referência a outro poeta santista, Ribeiro Couto (1898-1963), de geração anterior: Nasci perto do mar/ como Ribeiro Couto./ Como ele, cantei/ o cais do Paquetá,/ cheio de marinheiros,/ estrangeiros,/ aventureiros./ Apitos roucos de navios/ me atraíam para outras terras,/ propostas sedutoras./ Corri mundo./ vim parar no Planalto Central/ onde, solitário, entre livros,/ contemplo os últimos anos./ Às vezes, à noite,/me encaminho para o lado do Eixo/ e me detenho ante os terrenos baldios/ (amplidão) da Asa Sul./ Ao longe,/ os guindastes das construções/ sugerem um cenário de cais./ E o vento me traz com o cheiro de sal/ o inútil apelo do mar.

Vivendo os 40 anos finais de sua vida em Brasília, obviamente, a nova capital federal não deixaria de ficar marcada em sua poesia, pois, andarilho, conhecia praticamente todos os seus meandros, de que é exemplo o poema "Palavras à Cidade Livre hoje Núcleo Bandeirante": "Há vinte anos, quando aqui cheguei/ no Planalto Central,/ em Brasília, ainda encontrei/ intacta, na tua verdade pioneira,/ na tua realidade rude, mas fecunda: áspera imagem, do "far west" brasileiro, e Cidade Livre!/ Livre! Haverá adjetivo/ com mais oxigênio e glória? (...)

III

Filho de um português de escassas letras, para quem "livros não davam dinheiro", e nascido numa rua do tradicional bairro da Vila Mathias, o futuro poeta e professor Cassiano Nunes Botica, a princípio, não teve como não se vergar à imposição do pai: formou-se técnico de Contabilidade pelo Colégio Santista, instituição católica dirigida pelos Irmãos Maristas, a uma época em que a profissão de contador significava na cidade pelo menos uma carreira na prefeitura local ou em alguma empresa de despachos aduaneiros ou de corretagem de café. Àquela época, cursar o Colégio Santista era privilégio reservado a famílias que tinham recursos financeiros, o que indica que a de Cassiano não seria de modesta condição.

Foi difícil, mas Cassiano conseguiu escapar do futuro discreto e obscuro que o pai autoritário, como deixou explícito em alguns de seus versos, insistia em lhe apontar, não sem antes passar três anos como datilógrafo de um instituto de aposentadoria para os estivadores, até conseguir um emprego no *Office for Inter-American Affairs,* ainda em sua cidade natal.

Mas, por conta própria, começou a ler muito, até que se integrou aos meios intelectuais da cidade nos anos de 1940. Foi, então, que encontrou guarida em *A Tribuna*, principal diário da cidade, onde começou a publicar resenhas e críticas de livros. Nessa década, com os poetas Roldão Mendes Rosa (1924-1988) e Narciso de Andrade (1925-2007), participaria do movimento literário denominado Pesquisista, que reuniria também, entre outros nomes, Miroel Silveira (1914-1988), Cid Silveira (1910-?), Nair Lacerda (1903-1996) e Leonardo Arroyo (1918-1985).

Foi secretário-executivo da Câmara Brasileira do Livro a partir de 1947, quando a entidade iniciava suas atividades em prol da difusão do livro no país. Em São Paulo, vivendo sozinho, muitas vezes em modestos hotéis, conseguiu o título de bacharel e licenciado em Letras Anglo-Germânicas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP), em 1954 e 1955, respectivamente.

Numa época em que quase não havia no Brasil universidades que oferecessem estudos de pós-graduação, ele obteve bolsa para estudar na Miami University, onde se especializou em Literatura Norte-Americana. Estudou Literatura Norte-Americana também na Universidade de Ohio. Depois, novamente com bolsa de estudos, rumou para a Alemanha, onde na Universidade de Heidelberg se aperfeiçoou em Literatura Alemã. Lá deu aulas de Literatura Brasileira.

Ao retornar para o Brasil com tamanha bagagem, tornou-se orientador cultural na Editora Saraiva, de São Paulo. Foi ainda fundador da Biblioteca Pública de São Vicente. Por fim, em 1966, por sugestão do poeta Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), seu amigo, foi para Brasília, onde ajudou na instalação da UnB. Antes disso, ajudou os professores Antônio Soares Amora (1917-1999) e Antônio Cândido (1918-2017) a fundar a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, no Estado de São Paulo, em 1958, e foi ainda professor-visitante na Universidade de Nova York.

Entre os muitos livros que publicou estão *O Lusitanismo de Eça de Queiroz* (1947); *A Evolução da Literatura dos Estados Unidos* (1953); *Modernidade de Chaucer* (1954); *Prisioneiro do Arco-Íris* (1962); *A Experiência Brasileira* (1964); *Sedução da Europa* (1968); *Norte-americanos* (1970); *Retrato no Espelho* (1971); *O Sonho Brasileiro de Monteiro Lobato* (1979); *A Felicidade pela Literatura* (1983); *A Atualidade de Monteiro Lobato* (1984); *Jornada Lírica* (1984); *Poesia – II* (1998); e *Literatura e Vida* (2004), entre outros.

Participou de antologias como *Poemas do Amor Maldito* (1969), com organização de Gasparino Damata e Walmir Ayala; *Antologia dos Poetas de Brasília* (1971); *Brasília na Poesia Brasileira* (1982), com organização de Joanyr de Oliveira; *Poetas de Santos* (1977), com organização de João Christiano Maldonado; *Nem madeira nem ferro podem fazer cativo quem na aventura vive* (1986); *Caliandra – Poesia em Brasília* (1995); *Cronistas de Brasília*, (1996, v.2), com organização de Aglaia Souza; *Poesia de Brasília* (1998); e *Poemas para Brasília* (2004), com organização de Joanyr de Oliveira, entre outras.

IV

Maria de Jesus Evangelista, professora de Letras da Universidade de Brasília, nascida no Piauí, é bacharel em Letras Neoclássicas pela Universidade Federal do Maranhão e doutora pela Université de Toulouse, França. Com estudos comparativos em Portugal, foi professora catedrática na Universidade de Coimbra, onde dirigiu o Centro de Estudos Brasileiros. Tem publicado ensaios em revistas especializadas no Brasil e no exterior. Recentemente, publicou pela Editora da UnB o livro *Cassiano Nunes - Poesia e Arte.*

Poesia - Obra Reunida, v.1, de Cassiano Nunes, organizada por Maria de Jesus Evangelista, com introdução de Anderson Braga Horta. Brasília: Thesaurus Editora/Espaço Cassiano Nunes/ Biblioteca Central/Universidade de Brasília, 270 págs., 2015. E-mail: maju.curadora@bce.unb.br

Continuação da página 1

DISCURSO DE POSSE NA ACADEMIA BRASILIENSE DE LETRAS

Danilo Gomes

Implicado na Inconfidência Mineira, como seus amigos poetas Cláudio Manuel da Costa e Alvarenga Peixoto, Gonzaga foi preso uma semana antes do casamento. Por três anos, amargou prisão no Rio de Janeiro, na Ilha das Cobras. Depois a Coroa Portuguesa o desterrou para Moçambique. Escreve Sérgio Faraco, na edição de *Marília de Dirceu*, da L & PM Pocket, Porto Alegre, 1998:

"Ao contrário de outros degredados, que morreram no cárcere, foi bem tratado e desempenhou altos cargos. Poderia ter voltado ao Brasil, mas não o fez, decerto por ter sido esquecido pela jovem musa, que até já se tornara mãe solteira. Ou quem sabe ele também se esquecera daquele amor antigo: casou-se com uma ricaça analfabeta, Juliana de Sousa Mascarenhas, e teve com ela uma filha, Ana Mascarenhas Gonzaga. Faleceu em fevereiro de 1810."

É justo destacar aqui um dos melhores ensaios sobre a obra de Gonzaga. Foi escrito pela professora Lúcia Helena para a edição do volume *Tomás Antônio Gonzaga*, na coleção Nossos Clássicos da Editora Agir.

***

O fundador desta cadeira nº VI foi o poeta Domingos Carvalho da Silva, muito bem focalizado por Romeu Jobim em seu discurso de posse, na histórica sessão de 10 de fevereiro de 2004. Romeu Jobim foi recebido pelo poeta Anderson Braga Horta. Domingos Carvalho da Silva, um paulistano nascido em Portugal em 1915, deixou uma obra poética muito importante, da mais alta relevância em língua portuguesa. Sua requintada obra foi muito bem analisada pelo poeta, ensaísta e crítico literário Anderson Braga Horta, ganhador do Prêmio Jabuti. Outros críticos, entre eles Almeida Fischer, também analisaram a muito bem elaborada "ars poetica" de Domingos Carvalho da Silva.

Falemos agora sobre o saudoso Romeu Jobim, de refinada obra, e a quem tenho o privilégio e a subida honra de suceder nesta Academia.

No seu livro *Boa tarde, Excelência!*, Romeu Jobim, no introito, pergunta-se e ao leitor se os textos que ali estão seriam crônicas ou contos. Problema que ele deixava "ao leitor ou crítico". Lendo o livro, encontrei ambos os gêneros, que, realmente, costumam ser lindeiros. O texto de abertura, "Crente", afigurou-se-me um conto – e muito bem narrado e concluído com **humour**. O segundo texto, "Deputado", pareceu-me também um conto, pela sua estrutura, seu cerne de tensão característica do gênero, e com aquele componente de **humour**, que era tão grato ao escritor, castiço na linguagem e rigoroso cumpridor das normas sintáticas.

Já "Manchetes" me pareceu uma verdadeira crônica, na sua leveza graciosa, na sua carpintaria de construção e na sua caracterização desse chamado gênero, jamais menor. O texto "Que é um elefante?" é também uma excelente crônica. Deliciosa crônica é a das páginas 111 e 112, intitulada "Em defesa do álcool", em que a apurada veia cômica do autor se manifesta com o brilho de sempre.

"Novos tempos" é também uma ótima crônica, enquanto "História de outros tempos" talvez melhor se encaixe no ensaio. Mais que uma simples crônica, esse texto é uma aula de erudição sociológica e antropológica, visto que Romeu Jobim era um homem de aprimorada cultura humanística, um **scholar,** no sentido escolástico.

Páginas de primorosa graça são também "Caso da jaca", "Tudo muito simples", "O mundo encolheu", "Afetação" e outras. Em meio ao tom coloquial das narrativas e casos, aqui e ali uma referência de cariz erudito, um nome ilustre: Kant, Toynbee, La Fontaine, Freud, Einstein.

***

Temos Romeu Jobim inteiramente contista no livro *Amanhã cedo é primavera*. Ali estão enfeixados 25 contos de temática variada, alguns de viés urbano, outros com as reminiscências amazônicas de sua infância e mocidade, e que me remetem, nesse último caso, às crônicas da fulgurante Rachel de Queiroz, em suas viagens pela Amazônia, no livro *Mapinguari*, sendo mapinguari um ser exótico como o curupira.

Pelo livro *Amanhã cedo* é primavera constata-se que Romeu Jobim foi, além de primoroso poeta e cronista, também um grande contista. O conto "Daqui a pouco a liberdade" merece ser classificado como realismo fantástico e é uma história amazônica que José Veríssimo e Inglês de Souza assinariam com agrado. O conto que dá título ao livro é, a um só tempo, histórico, dramático e poético – e é um canto de esperança do candango que levantou Brasília do chão goiano de poeira vermelha.

Outro conto amazônico é o que se intitula "Formigas-jacamim". Este também se enquadra no território do realismo fantástico e, por certo, Gastão Cruls o assinaria de bom grado. Na narrativa "O bate-bate", o autor escreve: "A Amazônia, como o doutor sabe – começou o dono da casa – tem muitas abusões, crendices e lendas." E menciona o caso do boto que seduz as moças, da Cobra-Grande ou Boiúna, do Mapinguari (monstro gigantesco com um olho na testa), da Mãe d' Água ou Uiara, do Pé-de-Ouriço.

Homem de alma amazônica, como o saudoso poeta, político e acadêmico Áureo Mello e o também saudoso acadêmico, político e escritor Jarbas Passarinho, Romeu Jobim não deixou que a civilização do Sul sufocasse nele esse passado de águas e florestas infindáveis, esse sentimento telúrico de volta ao ventre materno da mata fabulosa e assombrosa.

Justiça: humor forense nos encanta pelas narrativas do folclore corrente que dá graça à severa atividade judiciária, que nosso autor tão bem conheceu e exerceu.

Anderson Braga Horta escreveu: "Romeu Jobim é escritor de estirpe machadiana, pela correção e elegância do texto, pela abordagem psicológica e pelos bem dosados toques de humor e ironia."

No campo da poesia, Romeu Jobim nos legou *Pássaros de meus bosques* (haicais) e *Cantos do caminho*. Este último foi saudado pelo poeta e crítico Santiago Naud, que nele encontrou "elogiável mestria, com autênticas joias do lirismo cintilando o reflexivo e o brejeiro". Santiago Naud celebrou também, em nosso antecessor, "o domínio culto do idioma" e a elaboração de textos "que somam saber e sabor."

***

Romeu Jobim nasceu no Acre, em Campo Esperança, município de Rio Branco, em 25 de fevereiro de 1927. Sua mãe era a acreana Francisca Barbosa Jobim e seu pai o gaúcho Armando de Oliveira Jobim, primo de Plácido de Castro, o célebre líder da Revolução Acreana, que incorporou aquelas terras ao Brasil. Seu pai era também primo do poeta Jorge Jobim, pai de Tom Jobim, compositor e poeta, chamado e consagrado como o Maestro Soberano, e de Helena Jobim, escritora.

Romeu Jobim formou-se em Filosofia e em Direito, no Rio de Janeiro. Concursado, tornou-se redator da Câmara dos Deputados. Foi professor, Juiz e Desembargador do Tribunal de Justiça do DF.

Em 1956, casou-se com a advogada e professora Ruth Silveira, com quem teve três filhas, as gêmeas Adriana e Cristiana e, depois, Rosana. Os genros são Ignácio, Cefas e Marcos. Vários netos trouxeram mais alegrias ao vovô Romeu e à vovó Ruth.

Meu ilustre antecessor participou de várias antologias de poesia, conto e crônica. Foi um dos fundadores da Associação Nacional de Escritores – ANE e da Academia de Letras do Brasil. Recebeu numerosas medalhas, comendas e condecorações, por seus altos méritos, como a Grã-Cruz da Ordem da Seringueira e a Grã-Cruz do Mérito Judiciário. Era Cidadão Honorário de Brasília. Eu tive a honra e a satisfação de ser seu amigo.

***

Convidei para receber-me, nesta Academia, o fraternal amigo Napoleão Valadares, escritor de obra já vasta e consagrada, no campo da poesia, do romance, do conto, da crônica, da memorialística, da História, da pesquisa biobibliográfica, ex-Presidente da ANE e diretor do Museu do Escritor. Temos em comum o gosto pela vida rural e pelo estudo da História de Roma e da epopeia de outro Napoleão, o Imperador Napoleão Bonaparte. Muito obrigado, Napoleão Valadares, por ter aceitado meu convite, o que valoriza infinitamente este momento tão alto da minha vida.

Nunca imaginei participar do quadro de titulares da Academia Brasiliense de Letras, onde tive e tenho bons amigos, desde que cheguei a Brasília, há 42 anos.

Senhor Presidente Carlos Fernando Mathias de Souza, é uma honra e uma distinção tê-lo presidindo esta sessão solene, esta reunião de confraternização entre confrades, amigos e familiares. Esta Academia é uma das guardiãs da memória da saga de Brasília e da obra imortal de Juscelino Kubitschek de Oliveira, seus auxiliares e seus candangos, neste generoso e amado solo de Goiás. Pertencer a ela é um importante galardão que guardarei com carinho, para sempre.

Muito obrigado a todos.

OS 74 ANOS DA URSS E OS 26 DA NOVA RÚSSIA

João Soares Neto

"O capitalismo é a exploração do homem pelo homem. O socialismo é o contrário". Millôr Fernandes

O ano de 1917 não foi apenas o fim da Primeira Guerra Mundial, na qual o Império Soviético era um dos protagonistas. Houve revolução interna em fevereiro na capital do Império, Petrogrado. Morreram cerca de 1000 pessoas. Nicolau II, o Czar, abdica do trono e não indica sucessor.

A questão seria a falta de alimentos em face da campanha militar do Império nos fronts da Primeira Guerra e a opressão dos camponeses. Havia geral descontentamento contra a Dinastia Romanov, desde os anos de 1860. Já em 1895, Lênin, na verdade Vladimir Ulianov, era feito prisioneiro por insurreição.

Foi em novembro (outubro, no calendário gregoriano) de 1917, a disputa entre mencheviques e bolcheviques para defenestrar o enfraquecido chanceler Miliukov. Ele desejava a manutenção da Rússia na findante Primeira Guerra. Desde fevereiro formava-se o caudal a culminar com a tomada do Palácio do Inverno pelos bolcheviques, pessoas do povo e militares. Nada valeu a proclamação da República em setembro. Forma-se um governo revolucionário a pedir a retirada das tropas da guerra e promulgam decretos extinguindo a propriedade privada, pregando a distribuição de terras aos camponeses, fim da pena de morte e a censura à imprensa.

As informações acima, de todos conhecidas, foram, neste novembro de 2017, objeto de cadernos especiais por jornais do mundo e do Brasil. Em 1991, era extinta a antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas-URSS. Ela congregava 15 repúblicas e possuía território de quase 23 milhões de km².

Este trabalho, reprodução de fatos históricos de domínio público, refere os 74 anos do regime comunista implantado e seguido por Lênin, Stalin, Khruschev (sentei na cadeira em que ele, na ONU, tirou o sapato e ficou batendo na bancada), Brejnev, Andropov, Tchernenko e, por fim, Gorbatchov. Os basilares dessa lista, são Lênin (1922-24), Stálin (1924-53), Kruschev (1953-64), Brejnev (1964-82) e Gorbatchev (1985-1981).A queda do Muro de Berlim, em 1989 (eu estava na Alemanha na casa de Winfried Helchmann), a derrocada dos satélites: Polônia, Hungria, Bulgária e Romênia era o fermento para o fim da Guerra Fria e a eclosão de um novo Estado, a Rússia, com a extinção, por gravidade, da URSS.

É preciso repercutir, entretanto, o papel da URSS na Segunda Guerra Mundial, sem o qual, os aliados contra Hitler, talvez não tivessem vencido ou a guerra não teria acabado em maio de 1945. O maior número de mortos foi de russos, estimados em 20 milhões.

A Guerra Fria, de 1947 a 1991, alimentou a venda de equipamentos e armamentos, a corrida espacial, o surgimento de Fidel Castro em Cuba, talvez a morte de John Kennedy e, paradoxalmente, a discutível Lei dos Direitos Civis a abolir, em termos, a segregação racial nos Estados Unidos, assinada por Lindon Johnson, em1965.

A História ainda não fechou o estudo sobre a teoria marxista e a sua aplicação prática. Hoje, perduram China, um comunismo heterodoxo, Coreia do Norte, Cuba, Laos e Vietnã. A magnitude da China, 2.ª potência mundial, contrasta com o atraso dos demais países comunistas nesta segunda década do século XXI.

Não foi dito, mas é sabido. Vladimir Putin, no poder desde 2000, tenta reunificar as repúblicas da Mãe Rússia, mas não conseguiu a Ucrânia e a Geórgia. Por enquanto, tem a adesão de países da Ásia Central (Belarus, Cazaquistão, Uzbequistão, Turcomenistão, Tajiquistão e Quirguistão). Descobri a razão de os países da Ásia Central usarem o sufixo "istão". Nas línguas hindi, persa e quirguiz, ali faladas, "istão" quer dizer lugar de morada.

Concluo, com Churchill e Lênin. Churchill: "O vício do capitalismo é a partilha desigual do sucesso. O vício do socialismo é a partilha equitativa do fracasso." Lênin: "Enquanto o capitalismo e o socialismo existirem, não poderemos viver em paz. Um ou outro terá de triunfar."

EVARISTO, UM SEGUNDO PAI

Vera Lúcia de Oliveira

Desde que me entendo por gente, a imagem que tenho do meu irmão é trabalhando, ajudando os nossos pais, primeiro, e a nós, irmãos, depois. Nunca reclamou de nada. Achava natural que a vida fosse dura, trabalho e mais trabalho.

Em momento de dificuldade financeira da família, quando eu só tinha 14 anos, me lembro de ele todo mês dar o salário (mínimo) fechado num envelope para a minha mãe fazer as despesas da casa. E entregava com alegria. Acreditava que, antes de pedir, a pessoa tem de dar, mostrar seu esforço apra subir na vida. Fazer por merecer. Era um progressista nato.

Tinha horror ao atraso. Não era saudosista. Gostava de viajar e ver as inovações, as invenções, as conquistas da ciência, tudo que facilitasse a vida e poupasse o suor humano. Era também severo com a gente quando necessaário. Não gostava de nada errado. Como perdemos os pais muito cedo, ele assumiu a responsabilidade da família. E, por um profundo respeito, assim o considerei sempre: um sendo pai.

E era muito bem-humorado. Como também gosto de piadas e coisas engraçadas, rimos muito na nossa vida. Nossa afinidade vai longe: o gosto pelo jazz e música erudita (nem sei quantos CDs e DVDs maravilhosos ganhei dele). Ele deixa uma belíssima discografia. Como aprendemos a costurar, ele fazia os ternos dele e eu, as minhas roupas. Gostávamos da elegância dos italianos. Ele nunca vinha à minha casa sem trazer um bom vinho. Sabia que eu ia adorar...

Nunca vou esquecer a imagem dele chegando aqui em casa, com o meu vinho na mão e um sorriso no rosto. Adorava os sobrinhos e vibrava com o sucesso deles. Os meus dois filhos estão arrasados também, como eu...

Que a vida dele deixe um rastro de luz para os que trabalharam com ele, pois, apra mim, ele foi um lindo cometa..."

SONETO Nº 181, OP. 365

(Relendo Florbela Espanca)

Luiz Carlos de Oliveira Cerqueira

Sorrindo, na minh'alma adormecem os deuses mortos.
No meu pensar amores são grandes ilusões
que nos afagam mas sem nos dar explicações
se afastam como barcos em busca de outros portos.

Há-de quem me quiser ser o Sol em tardes quentes,
ser brisa fresca para abrandar as minhas dores.
Quem me quiser terá a brasa dos meus amores
mas minhas francas juras serão indiferentes...

Inferniza-me a angústia a rondar meus pensamentos
por isso em meu peito ergue-se a cruz dos desalentos,
meu olhar não mais vê as belezas que já vi.

Sei que pedi da vida mais do que ela me dava;
sei, também, que jamais eu achei o que buscava.
Se te encontrei, não sei. Ah! Não sei se te perdi...

O FILME DA MINHA VIDA

Jorge Sá Earp

Tive que passar uma semana em Santo Antônio do Ibireme. Depois do trabalho comia no hotel barato o prato feito em que só variava o tipo de carne e ia ler no quarto até chegar o sono. O dono, que fazia as vezes de recepcionista, era extremamente antipático e costumávamos trocar apenas palavras essenciais. Só permaneci ali, durante minha curta e penosa estada, porque não havia outro ao alcance do meu orçamento. O de luxo se situava no alto da colina – diziam que mantinha um cassino clandestino – me era financeiramente inviável por causa das parcas diárias que costumo receber do escritório central no Rio.

O tempo, por outro lado, não enaltecia meu estado de espírito: choveu fino toda a semana em que passei lá. Para ir ao escritório local tinha de caminhar por algumas ruelas sem asfalto e consequentemente saltar muitas poças, sujando de lama as calças do meu terno usado, carregando minha pasta rota forrada de papéis, a meu ver, inúteis.

Numa sexta-feira (e só poderia deixar aquele "buraco" no sábado à tarde por causa da falta de lugares no ônibus), me fartando da clausura dentro do quarto, embora o romance que lia fosse muito bom, desci ao saguão e pedi ao porteiro da noite (um crioulinho simpático) que me emprestasse um jornal. Queria ver que filmes levavam no vilarejo. Logo me espantei, com um entusiasmo relampejante, por descobrir ali um filme há muito perdido: *As três irmãs,* com Glenda Jackson, Vanessa Redgrave e Sarah Miles. Segundo o porteiro o tal Cine Rex ficava na praça central e devia me apressar pois era a melhor sala e a mais procurada, qualquer que fosse o filme apresentando. Corri sob o temporal, já que o eterno chuvisco se avolumara ao cair da tarde, até o endereço indicado.

Ali enfrentei uma fila imensa, medonha, debaixo d'água. Aboli o uso de guarda-chuvas há muitos anos, pois os perco com a mesma facilidade com que isqueiros desaparecem do meu poder.

Eis que quando finalmente alcanço a porta da bilheteria, a puta da vendedora me aplica aquela maldita placa LOTAÇÃO ESGOTADA em plena cara. Puta. Encharcado, me viro, olho os desafortunados como eu atrás de mim, com a mesma melancólica fisionomia estampada pela frustração. Talvez nem todos aqueles entristecidos moradores de Santo Antônio de Ibireme conhecessem a obra de Tchecov, mas certamente se desiludiram muito com a porta fechada com violência em seus narizes, debaixo da tormenta de sexta-feira à noite.

Deixei o vasto cinema – que lembrava aquelas velhas salas do Rio, como o Metro Copacabana ou o São Luís, hoje desaparecidos – acabrunhado, sentindo ainda gotas grossas de chuvas insistirem em ensopar ainda mais meu casaco, minha nuca e meu corpo. Regressava ao Hotel Moderno quando me deparei com um cineminha, ainda iluminado, numa esquina. Examinei o cartaz: passavam uma película intitulada *O filme da minha vida.* Apesar de achar o nome um pouco piegas, a possibilidade de ter de enfrentar uma insônia naquele quarto reles me empurrou para dentro do cineminha.

A sala de projeção, ainda iluminada, com suas paredes amareladas e descascadas, abrigava, além de mim, um casal entediado e um velho com tosse. Alguns longos minutos, adocicados com balas de hortelã, se passaram antes que a luz se apagasse para dar lugar ao filme. Nenhuma tecla tocada fundo de piano o precedeu, apenas o ruído da máquina de projeção.

A história começava com um homem, mais ou menos da minha idade, entrando num cinema. O filme que ele via, a princípio, em preto e branco, fazia desfilar cenas de infância de um moribundo: a casa de campo e seu portal de ferro, a hera que cobria os muros, violetas e lírios no jardim, um velho na cadeira de balanço, sua mulher a fabricar geleias de laranja, o tanque e a calha a pingar água, peixes dourados, uma escarpa atrás do terreno, *tudo* aquilo era o cenário da minha infância; não apenas a sua evocação, mas toda ela, completa, pura, em estado cintilantemente bruto.

A trilha sonora igualmente evocava um tempo perdido sem que, no entanto, conseguisse identificar a peça musical. Outras passagens do filme me foram mais surpreendentes: a morte dos pais do protagonista, suas duas mulheres e a amante com quem ele termina sua vida coincidiam com a minha biografia até então! Até o cachorro dele era da mesma raça que o meu, morto há dois anos! Não era possível; alguém soubera da minha história e a transportara para um filme sem eu nunca ter tomando conhecimento disso! Quem sabe – eu conjecturava dentro daquele cinema-poeira fétido – se um dia contei a minha vida, de porre, a algum desconhecido? Que era provável era. Às vezes me meto num bar e dano a conversar com estranhos. É isso que dá. Devo ter encontrado algum cineasta ou roteirista e aí está o resultado. O mais estranho é que a minha vida não tem nada demais, não contém nenhum elemento atraente para se fazer um filme, um livro ou outra coisa qualquer. Mesmo assim, supondo (e aí eu já voltava ao hotel sem a companhia incômoda da chuva) que isso tenha acontecido, como vou explicar as sensações de infância do filme, aquele início tão lírico que só pode ser transmitido por escrito? Talvez uma de minhas mulheres tenha lido um ensaio de memórias, que há muito – e ignoro por que não o fiz até hoje – tenciono destruir.

Caí na cama, mas custei a dormir. É claro, o filme tinha me tocado enormemente. Fui adormecer ao nascer do sol e acordei com o antipático proprietário ao telefone informando-me que depois do meio-dia pagaria outra diária.

Antes de tomar o ônibus de volta para o Rio passei no cineminha para anotar o nome do diretor e do roteirista. O argumento do filme era original e o título se originava na metalinguagem da história, já que o protagonista vai no início a um cinema onde assiste a cenas de sua própria vida. A diferença, contudo, do que sucedeu comigo, é que ele não se surpreende com nada, pois escrevera o roteiro do filme para um amigo diretor.

Chegando ao Rio incumbi a mim mesmo de uma tarefa detetivesca a fim de encontrar o paradeiro do tal diretor-roteirista. Passou pela minha cabeça tão rápido quanto saiu procurar na lista telefônica; impossível encontrá-lo: tinha um nome muito comum. Perguntei então a um amigo dramaturgo: conhecia não só o meu filme – que, aliás, adorava – como o meu procurado homem. Morava numa ilha em Angra dos Reis. Tratava-se de um misantropo; que eu não cultivasse muitas esperanças em travar contato com ele.

Fui. Ao chegar a Angra, aluguei uma lancha e me dirigi à ilha, não sem antes escutar do barqueiro: "Aí tem um omi isquisitu qui num qué sabê di ninguém, seu moço". Quando o barco se aproximou ouvi latidos de cães. Logo surgiu uma matilha. Como sempre tive medo de cachorros, não me aventurei a saltar em terra firme. Surgiu um negro alto que, enquanto tentava apaziguar os cães, gritava em nossa direção perguntando o que queríamos. Berrei de volta comunicando meu intento. O caseiro respondeu, no mesmo tom de voz, que não havia ninguém com aquele nome na ilha. Levei algum tempo até convencê-lo, ao mesmo tempo que aumentava o preço do aluguel da lancha com o barqueiro. Disse ao porteiro – e dessa vez mais próximo, pois a matilha amansara – que era seu primo e que vinha por causa de doença em família. Por fim, cedeu. Dirigi-me ao interior da casa, uma construção em ruínas, mas que lembrava o casarão do filme, assim como o de meu avô, e dei com um homem esguio, de faces encovadas e com a fisionomia explicitamente hostil.

Pouco a pouco, depois de uma xícara de café e muitos cigarros, seu tratamento foi-se tornando menos arredio.

– A história do filme? Não sei, inventei aquilo tudo.

Ninguém lhe contara nada sobre a vida de quem quer que fosse.

Coincidência, mera coincidência!

As palavras do velho eremita foram ecoando nos meus ouvidos à medida que voltava o olhar para o rastro do barco nas águas.

POEMAS DE INEZ ANDRADE PAES

[...]

as andorinhas
as andorinhas correm atrás das sementes
que o vento sacode das pontas daqueles pastos
e voltam a rir
rodopiam e voltam a subir

percebes agora os verdes prados lá fora?

[...]

em cada pássaro
o abandono de uma pena

em cada olhar
a beleza contida

[...]

dentro dum ombro a cada pedaço
a marca no peito é o meu abraço
a ternura aberta como uma folha

sempre verde
que cairá em qualquer límpida manhã

[...]

fiquei sem asa
olho para o lado do lugar
que seria o da asa e não vejo
pena
porque seria a maneira
de me perguntar
se estaria interessada
em me procurar
e adiantar com as penas dos outros
uma própria asa

colo com cuspe umas simples penugens
enquanto o vento não sopra
e me traga de volta
mesmo soltas
as sobras da luta